

Comentário Bíblico e Exegético de Números 15 (KJA)

Versículo à Versículo — Enfoque Cristocêntrico e Acadêmico

📖 EXEGESE BÍBLICA

NÚMEROS 15

KJA

Números 15 representa uma das passagens mais ricas e teologicamente densas do Pentateuco. Posicionado imediatamente após a crise do espionamento da terra e a condenação da geração do deserto (Nm 13–14), este capítulo inaugura uma virada surpreendente: em meio ao juízo, Deus fala de vida, de colheita, de altar e de promessa. O povo ouve sobre a terra antes de chegar até ela. A graça precede a geografia. Este comentário percorre cada seção do capítulo com rigor exegético, sensibilidade hermenêutica e olhar cristocêntrico, conectando o antigo ritual à realidade cumprida em Cristo Jesus e à prática cristã cotidiana.

Quando Entrarão na Terra: A Virada do Horizonte

NM 15:1–2

A abertura de Números 15 é exegeticamente significativa pela escolha do modo verbal: "Quando entrarem na terra..." (v.2). O hebraico usa *kî tāvō'û* — uma construção condicional-temporal que pressupõe certeza, não hipótese. Após o devastador colapso da fé narrado nos capítulos 13 e 14, onde a geração adulta foi sentenciada a morrer no deserto, o leitor esperaria silêncio ou mais lamentação. Em vez disso, Deus fala ao futuro.

Do ponto de vista da história da redenção, este "quando" é uma declaração teológica de primeira ordem: o propósito de Deus não foi cancelado pela infidelidade humana. A terra prometida a Abraão, Isaque e Jacó (Gn 12:7; 15:18) permanece no horizonte divino. O Senhor continua sendo o Deus das promessas mesmo enquanto exerce disciplina sobre seu povo. Esta tensão — entre julgamento presente e esperança futura — caracteriza toda a narrativa do deserto e antecipa a lógica da cruz: o juízo não é a última palavra.

Cristocentricamente, a certeza do "quando" prefigura a segurança da herança prometida aos que estão em Cristo (Ef 1:11–14). Assim como Israel receberá a terra, o crente aguarda a consumação do Reino — não como possibilidade, mas como certeza assegurada pelo Espírito como arras. A nova geração que ouvia este discurso precisava fundamentar sua esperança não em suas próprias forças, mas na palavra inabalável do Deus da aliança.

"Deus não revoga a promessa quando revoga o prazo. A terra continuava no horizonte mesmo quando a geração a quem foi prometida não a veria."

Ofertas na Terra: Adoração com Precisão e Gratidão

NM 15:3–5

O Contexto das Ofertas

Os versículos 3 a 5 introduzem instruções detalhadas sobre oferendas de manjares (minhâ) e libações (nesek) que deveriam acompanhar os holocaustos e sacrifícios de paz. A precisão das medidas — um décimo de efa de flor de farinha misturada com um quarto de him de azeite — revela que a adoração veterotestamentária não era improvisada, mas estruturada.

Esta estrutura não é legalismo frio. Ela comunica que Deus é santo e que a aproximação requer reverência.

Teologia da Gratidão Estruturada

As ofertas mencionadas nesta perícopa não estão associadas primariamente ao pecado, mas à comunhão e à gratidão. São expressões de reconhecimento pela provisão divina: o azeite, a farinha e o vinho derivam da terra que Deus promete dar. Apresentar estas ofertas no futuro era, portanto, um ato de fé antecipado — adorar com os frutos da promessa ainda não cumprida.

A adoração que nasce do reconhecimento da provisão divina é qualitativamente diferente da adoração nascida do desespero ou do medo. Ela é filial, não servil.

Flor de Farinha

Representa o melhor da colheita, o produto do labor humano santificado pela oferta a Deus.

Azeite

Símbolo do Espírito e da unção divina, permeia a oferta de sentido sagrado.

Vinho como Libação

Derramado no altar — prefigura o sangue da Nova Aliança derramado por Cristo.

Medida e Proporção: Fé que se Traduz em Obediência

NM 15:4–6

Os versículos 4 a 6 especificam quantidades distintas conforme a natureza do sacrifício: para o cordeiro, um décimo de efa de farinha; para o carneiro, dois décimos. A proporcionalidade não é mera regulação burocrática — ela ensina que a resposta a Deus deve ser adequada à grandeza do que se recebe. Maior bênção exige maior reconhecimento.

Exegeticamente, o termo hebraico *ʿōlāh* (holocausto) neste contexto implica totalidade: o animal era completamente consumido pelo fogo, simbolizando consagração integral a Deus. A oferta de manjares que o acompanhava sublinhava que a entrega não é apenas de "momentos religiosos", mas da totalidade da vida — representada pelo alimento cotidiano. Esta totalidade encontra seu ápice em Cristo, que se ofereceu inteiro e sem mancha (Hb 9:14).

Do ponto de vista pastoral e cristocêntrico, a proporcionalidade das ofertas evoca Romanos 12:1: "apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus." A obediência cristã não é uniforme e genérica — ela responde à profundidade da graça recebida. Quanto mais o crente contempla o sacrifício de Cristo, mais ampla e profunda se torna sua consagração pessoal. A fé que não se traduz em obediência proporcional ao que foi recebido ainda não captou a grandeza do evangelho.

 O peso teológico das medidas reside não na precisão matemática, mas na comunicação de que nenhuma área da vida fica fora do campo da adoração ao Deus vivo.

Cristo na Lógica das Ofertas: Comunhão que Aponta Adiante

NM 15:7-9

Os versículos 7 a 9 ampliam as instruções para sacrifícios maiores — o novilho — e consolidam o padrão: onde há sacrifício, há oferta de manjares e libação de vinho. Esta tríade (carne, farinha, vinho) não é aleatória. Ela estrutura uma refeição simbólica entre o adorador e seu Deus, evocando a linguagem da aliança e da mesa compartilhada.



Mesa da Aliança

A tríade farinha-azeite-vinho evoca a mesa da comunhão. O altar é, antes de tudo, o lugar do encontro, não apenas da expiação. Deus come com seu povo — imagem que ecoa na Ceia do Senhor.



Cumprimento em Cristo

Cristo é o pão partido e o sangue derramado (Lc 22:19-20). Todas as libações e ofertas convergiram para o único sacrifício perfeito que estabeleceu comunhão eterna entre Deus e humanidade, cumprindo o que a tríade antiga apenas prefigurava.



Aplicação Eucarística

A Ceia do Senhor retoma esta linguagem. O pão e o vinho não são apenas memória — são participação real na aliança estabelecida pelo sangue de Cristo. A oferta antiga encontra sua forma definitiva na mesa do Novo Testamento.

A linguagem de "aroma agradável ao Senhor" (*rêah nîhōah*) aparece repetidamente nesta perícopa (v.7, 10) e permeia todo o sistema sacrificial levítico. Paulo aplica exatamente esta expressão a Cristo em Efésios 5:2: "entregou-se a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave." A exegese de Números 15 não é completa sem este arco hermenêutico que culmina na cruz.

O Estrangeiro é Incluído na Lei: Justiça com Alcance Universal

NM 15:14–16

Os versículos 14 a 16 introduzem uma declaração de alcance teológico extraordinário: "Uma mesma lei tereis, tanto para o estrangeiro como para o natural da terra" (v.15). O termo hebraico *gēr* (estrangeiro residente) descreve alguém que vive entre Israel sem pertencer etnicamente ao povo da aliança. A inclusão deste sujeito nas mesmas leis e privilégios rituais é, no contexto do Antigo Oriente Próximo, uma afirmação revolucionária.

Exegeticamente, a repetição deliberada da frase "perante o Senhor" (vv.14-15) ancora a igualdade não em fundamentos políticos ou sentimentais, mas na natureza do próprio Deus: seu altar não discrimina por genealogia. A santidade que Israel deve viver não é privilégio exclusivo de nascimento, mas responsabilidade estendida a todos que habitam no mesmo espaço covenantal. Esta é uma tipologia poderosa da eclessiologia do Novo Testamento.

Cristocentricamente, Efésios 2:11-19 ressoa diretamente neste texto: "agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já chegastes perto pelo sangue de Cristo." O "muro de separação" derrubado por Cristo já era antecipado nesta disposição legal de Números 15. Os estrangeiros incluídos na lei prefiguram os gentios incluídos na graça. A missão universal da Igreja não é novidade do Novo Testamento — ela já estava semeada nas estruturas da Torah.

Uma lei, dois povos

A lei não cria uma hierarquia de adoradores — israelita e estrangeiro comparecem ao mesmo altar sob os mesmos termos.

Inclusão sem assimilação forçada

O estrangeiro não perde sua identidade, mas se submete à ordem sagrada — padrão da comunidade cristã multicultural.

Antecipação missionária

A abertura da lei ao *gēr* é a semente do mandato universal que culmina em Mateus 28:19-20.

As Primícias: O Primeiro Pão do Novo Tempo

NM 15:17-21

Exegese das Primícias

O versículo 17 inicia uma nova subunidade legal com a fórmula "Falou mais o Senhor a Moisés," sinalizando instrução adicional. A oferta das primícias (*rē'šīt 'arīsôtêkem*) especificada nos versículos 19-20 consiste em um bolo de massa crua — o primeiro processamento do grão colhido. A imagem é poderosa: antes de o pão ser assado e comido, ele passa pelo altar.

Do ponto de vista histórico-religioso, a oferta das primícias existia em diversas culturas do Antigo Oriente Próximo. A distinção de Israel reside no destinatário e no fundamento teológico: não se oferece ao deus da fertilidade para garantir mais colheita, mas ao Deus do êxodo como reconhecimento de que a colheita já é graça.

Teologia do "Primeiro"

O ato de oferecer o primeiro bolo comunica uma confissão ontológica: a colheita não é conquista humana final. O labor existe, a semeadura existe — mas a chuva, o sol e a fertilidade pertencem ao Senhor. O "primeiro" santifica o "resto": ao consagrar a primícia, toda a colheita subsequente torna-se sagrada.

Paulo usa exatamente esta lógica em 1 Coríntios 15:20-23: Cristo ressuscitado é as "primícias dos que dormem." A ressurreição de Cristo não é episódio isolado — ela santifica e garante a ressurreição de todos os que lhe pertencem. O padrão das primícias de Números 15 encontra sua expressão máxima no domingo da ressurreição.



A cadeia hermenêutica é clara: primícias em Números → ressurreição de Cristo como primícias → ressurreição dos crentes como herança. A liturgia do pão no deserto aponta para o dom do pão do céu e para a vitória definitiva sobre a morte.

Primícias e Aliança: Futuro Sustentado pela Fidelidade

NM 15:20–21

Os versículos 20 e 21 concluem a instrução sobre as primícias com uma afirmação de perpetuidade: "de geração em geração." Esta cláusula temporal é carregada de significado covenantal. A oferta das primícias não é uma prática transitória ou situacional — ela é constitutiva da identidade de Israel ao longo de todas as suas gerações na terra.

Do ponto de vista da teologia da aliança, esta perpetuidade funciona como memória teológica institucionalizada. Cada colheita futura, em cada geração, reactivaria a lembrança: "não fomos nós que conquistamos esta terra — o Senhor a deu." A rotina anual da oferta das primícias era uma forma de catequese implícita, transmitindo de pai para filho não apenas um ritual, mas uma cosmovisão: a vida é dádiva, não conquista.

Esta dimensão intergeracional tem implicações práticas para a formação cristã contemporânea. As práticas litúrgicas regulares — culto semanal, Ceia do Senhor, leitura bíblica familiar — funcionam como as "primícias de todas as gerações" do Novo Testamento. São formas de reinscrever, semana após semana, ano após ano, a verdade de que tudo o que temos vem do Deus que promete e cumpre. A fidelidade transmitida geracionalmente é a resposta humana à fidelidade eterna de Deus.

1

Promessa a Abraão

Gn 12 — a terra prometida como herança da fé

2

Lei das Primícias

Nm 15:20-21 — rotina covenantal que preserva a memória

3

Cristo como Primícias

1Co 15:20 — ressurreição que consagra toda a colheita futura

4

Herança Eterna

Ap 21 — consumação de tudo o que as primícias antecipavam

Pecado por Ignorância: Justiça e Provisão

Misericordiosa

NM 15:22-29

Os versículos 22 a 29 abordam o caso do pecado cometido por ignorância (*bišgāgāh*). A palavra hebraica deriva de *šāgāg*, que descreve errar, desviar-se sem intenção deliberada. O texto distingue dois cenários: toda a congregação peca por ignorância (vv.24-26) e o indivíduo peca por ignorância (vv.27-29).

Exegeticamente, é notável que Deus proveja um caminho de restauração mesmo para o pecado não intencional. A perspectiva antropológica bíblica não permite a ideia de que a ignorância torna o pecado irrelevante. O texto reconhece que o erro cometido sem consciência plena ainda produz separação e ainda requer expiação. A provisão do sacrifício pelo pecado involuntário revela dois aspectos simultâneos do caráter divino: a santidade que não minimiza o pecado e a misericórdia que provê caminho de retorno.

Cristocentricamente, Hebreus 9:7 conecta explicitamente o sistema levítico de expiação com o ministério sacerdotal de Cristo: o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos "não sem sangue, pelo qual oferecia por si mesmo e pelos erros do povo." O versículo usa *agnoēmata* — pecados cometidos por ignorância — como objeto da obra de Cristo. O sacrifício de Jesus cobre não apenas pecados conhecidos e confessados, mas toda a profundidade da falha humana, incluindo aquilo que o próprio pecador não reconhece como transgresso.



A graça é mais abrangente que nossa autoconsciência. Cristo intercede por falhas que nem sabemos ter cometido (Rm 8:26-27).

Distinção Central: Ignorância vs. Presunção

NM 15:30–31

Os versículos 30 e 31 introduzem uma distinção teológica de enorme peso: o pecado cometido "com mão levantada" (*beyād rāmāh*). A expressão idiomática hebraica descreve um gesto de desafio deliberado — erguer o punho em direção a alguém em sinal de afronta aberta. Aplicada ao relacionamento com Deus, descreve a transgressão que não é erro, mas rebelião consciente.

Pecado por Ignorância (*bišgāgāh*)

Desvio não intencional. O pecador não sabia, não pretendia transgredir. A provisão sacrificial cobre esta condição. Há caminho de restauração e perdão dentro da aliança.

Pecado Presunçoso (*beyād rāmāh*)

Desafio deliberado e consciente à vontade de Deus. Não há sacrifício prescrito para esta condição no sistema levítico. Representa ruptura aberta da aliança e menosprezo da palavra divina.

A consequência descrita — "será cortado do meio do seu povo" (v.30) — não é punição ad hoc, mas reconhecimento de que quem conscientemente rejeita a aliança já não habita dentro dela. O "corte" (*kārat*) formaliza o que a atitude já realizou. Esta distinção tem implicações hermenêuticas para a interpretação de Hebreus 10:26-31, que descreve uma apostasia sem retorno em termos que ecoam precisamente este texto. O "pecado voluntário" de Hebreus corresponde ao *beyād rāmāh* de Números.

A lição pastoral é clara: arrependimento genuíno sempre encontra misericórdia — pois o arrependido, por definição, não está com a "mão levantada." A dureza que o texto combate não é a fraqueza moral, mas a rebeldia que se recusa a reconhecer a soberania divina.

O Caso do Homem que Apanhou Lenha: O Choque do Sábado

NM 15:32–36

O episódio dos versículos 32 a 36 funciona como narrativa ilustrativa imediatamente após a legislação sobre pecado presunçoso — e esta justaposição é hermeneuticamente intencional. Um homem é encontrado ajuntando lenha no dia de sábado. O ato em si pode parecer trivial, mas o contexto é determinante: o sábado havia sido revelado como sinal da aliança (Êx 31:13-17), sua violação deliberada equivalia a rejeitar publicamente a identidade covenantal de Israel.

Exegeticamente, a expressão "guardaram-no preso" (v.34) revela que a gravidade da situação não era óbvia imediatamente — o texto registra que aguardaram instrução divina sobre o procedimento. Este detalhe é significativo: a liderança de Israel não agiu por impulso ou tradição cultural, mas buscou a palavra do Senhor. O julgamento divino é claro e severo: pena de morte por apedrejamento fora do acampamento.

Esta narrativa apresenta desafios interpretativos para leitores modernos. Alguns aspectos importantes a considerar: (1) A pena reflete a seriedade da aliança em contexto teocrático direto, onde a nação era governada imediatamente por Deus; (2) O ato não foi erro involuntário — foi desafio público e consciente (mão levantada); (3) A narrativa é didática: ao tornar o princípio público e concreto, a lei ganha força pedagógica que a abstração jamais alcançaria. Deus educa seu povo pela seriedade das consequências, não apenas pela beleza dos mandamentos.

 O sábado como sinal da aliança tornava sua violação equivalente à negação pública de pertença ao povo de Deus — não uma infração de rotina, mas uma declaração de ruptura.

As Franjas (Tzitzit): Lembrança Visual da Santidade

NM 15:37–39

Os versículos 37 a 39 introduzem a mitsvá das franjas (*tzitziyyōt*) — borlas costuradas nas bordas das vestes com um fio de cor azul-púrpura (*těkēlet*). A instrução divina é acompanhada de sua razão explícita: "para que, vendo-as, vos lembreis de todos os mandamentos do Senhor e os cumprais" (v.39). A lógica pedagógica é fascinante: Deus institui um auxiliar visual cotidiano para a memória moral.



O Fio Azul

A cor *těkēlet* era extraída do *Murex trunculus*, molusco mediterrâneo. Simbolizava o céu e a presença divina. Ver o azul era ver uma janela para o trono de Deus — lembrança de a quem pertencem os mandamentos.



Memória Visual

Antes dos livros de bolso, Deus deu ao povo um lembrete incorporado no vestuário diário. A santidade não era reservada para o templo — ela viajava, trabalhava e dormia com o crente.



Guardar o Coração

"Para que não sigais após o vosso coração e após vossos olhos" (v.39): as franjas eram âncora contra a deriva do desejo. A memória externa servia à renovação interna — padrão que aponta para o Espírito escrevendo a lei no coração (Jr 31:33).

Cristocentricamente, Jesus usava *tzitzit* (Mt 9:20; 23:5), cumprindo a lei em todos os seus detalhes. A mulher que tocou "a orla do manto" de Jesus tocou precisamente uma franja — e foi curada. O que as franjas prometiam (lembrança dos mandamentos, aproximação a Deus), Cristo realizou plenamente. Ele é a lei viva e visível, o "fio azul" encarnado que conecta o humano ao divino.

Caminho de Volta à Identidade Covenantal

NM 15:40

O versículo 40 articula o propósito integral da mitsvá das franjas: "Para que vos lembreis e cumprais todos os meus mandamentos, e sejais santos ao vosso Deus." A estrutura do versículo é tripartite — lembrar, cumprir, ser. Esta progressão não é meramente pedagógica; ela descreve uma transformação ontológica mediada pela prática obediente.

Exegeticamente, a cadeia "lembrar → cumprir → ser" revela que a santidade bíblica não é status estático, mas trajetória dinâmica. Não se começa pela santidade para então obedecer — começa-se pela memória que impulsiona a obediência, e desta emerge o caráter. Esta é a lógica da santidade progressiva que percorre toda a Escritura e encontra sua expressão mais plena na doutrina da santificação no Novo Testamento.

O "caminho de volta" evocado por este versículo é especialmente significativo no contexto de Números 15. O capítulo se insere após o maior colapso espiritual da geração do deserto. Não há retorno à terra para a geração que desafiou a Deus (Nm 14) — mas há um caminho de volta à identidade, à vocação, ao caráter covenantal. As franjas são o ponto de partida deste retorno: não obras que merecem a graça, mas memórias que reconfiguram o desejo e reorientam a caminhada.

"O arrependimento genuíno não é apenas retorno ao passado, mas reorientação em direção ao futuro que Deus prometeu."

Cristo e o "Coração Lembrador": Graça que Reconfigura o Desejo

TIPOLOGIA CRISTOCÊNTRICA

NM 15 → NT

A leitura tipológica de Números 15 revela um padrão consistente: Deus não apenas legisla comportamento externo, mas trabalha em direção a uma transformação interna que as leis externas apenas antecipam. As franjas que lembram os mandamentos são uma preparação para o tempo em que os mandamentos seriam escritos no coração (Jr 31:33; Ez 36:26-27).



Cristo não aboliu a lógica das franjas — ele a internalizou. O Espírito Santo opera como o "fio azul interior": uma presença constante que traz à memória os ensinamentos de Jesus (Jo 14:26) e transforma o crente de dentro para fora. O que a mitsvá das *tzitzit* prometia como lembrete externo, o Paráclito cumpre como transformação interna. Esta é a continuidade entre os testamentos: não ruptura, mas cumprimento e aprofundamento.

Aplicação Prática 1: Adoração Diária, Não Apenas Emergencial

APLICAÇÃO PRÁTICA

NM 15:1-11

Números 15:1-11 ensina que as ofertas regulares — não associadas a crises ou pecados — eram o tecido cotidiano da espiritualidade israelita. Esta ênfase confronta diretamente uma espiritualidade reativa que só busca Deus em momentos de necessidade ou desespero. A "adoração de gratidão" (v.3) pressupõe uma prática regular, estruturada e intencional de reconhecimento da provisão divina.

A aplicação prática começa com a transformação da oração matinal: antes de apresentar petições, reconhecer bênçãos. Este simples gesto reproduz a lógica das ofertas — a gratidão antecede e enquadra o pedido. Uma "oferta de manjares" contemporânea pode ser um diário de gratidão, o canto de louvor antes da Bíblia, a bênção sobre a mesa como ato teológico, não cultural. O crente que cultiva adoração regular descobre que sua resiliência nas crises é proporcional à profundidade de sua vida de louvor nos dias comuns.

→ **Reserve tempo de gratidão antes de petições**

Comece a oração reconhecendo pelo menos três bênçãos específicas antes de apresentar qualquer pedido a Deus.

→ **Crie "primícias" semanais**

Dedique o primeiro momento acordado no domingo para adoração — antes de redes sociais, notícias ou qualquer outra coisa.

→ **Santifique o ordinário**

Trate refeições, trabalho e descanso como espaços de adoração, não apenas atividades seculares entre "momentos religiosos."

Aplicação Prática 2: Memória Intencional como Disciplina Espiritual

APLICAÇÃO PRÁTICA

NM 15:37–41

A mitsvá das franjas revela que Deus conhece a natureza humana: esquecemos. Não por má-fé, mas porque os pensamentos, as pressões e os prazeres cotidianos competem constantemente pelo espaço da memória. As *tzitzit* eram uma resposta pastoral divina a esta fragilidade — não punição, mas misericórdia preventiva. Deus deu ao povo uma forma de não esquecer quem são e de quem são.

A aplicação contemporânea desta mitsvá é a criação de âncoras de memória espiritual no cotidiano. Versículos escritos em lugares visíveis, notificações de lembrança de oração, objetos com significado espiritual no espaço de trabalho — todos funcionam como "fios azuis" modernos. A chave não está na memória de informações bíblicas, mas na memória existencial: lembrar-se de que você é filho de Deus, redimido, amado e chamado. Esta identidade, quando lembrada regularmente, reconfigura escolhas, reações e relacionamentos.



Diário de Memória

Registre atos de fidelidade de Deus. Releia regularmente. A escrita externaliza a memória e permite revivê-la.



Escrituras Visíveis

Coloque versículos em locais estratégicos: espelho, mesa de trabalho, carro. Permita que os olhos eduquem o coração.



Comunidade como Testemunha

Compartilhe sua história de fé regularmente. Quando narramos o que Deus fez, a memória se consolida e fortalece outros.



Ritmo Sabático

O descanso intencional semanal é a "franja" mais antiga: parar para lembrar que não somos o centro do universo.

Conclusão: Números 15 e a Gramática da Graça

SÍNTESE FINAL

Números 15 é muito mais do que um catálogo de rituais levíticos. É uma declaração teológica sobre o caráter de Deus e sobre a natureza da vida covenantal. Em meio ao deserto — literal e espiritual — Deus fala de colheita, de altar, de inclusão, de restauração e de identidade. O capítulo não ignora a realidade do pecado (ignorância e presunção são abordadas com clareza), mas a enquadra dentro de um sistema maior de graça: há caminho de retorno, há provisão para a fraqueza, há lembrança para o esquecimento.

Cristocentricamente, cada elemento do capítulo converge para Jesus: ele é a oferta perfeita de aroma agradável, o sacerdote que expia tanto os pecados ignorados quanto os confessados, o cumprimento da promessa que Israel aguardava com o "quando", a primícia da ressurreição, e o fio azul encarnado que une o humano ao divino. Ler Números 15 sem esta lente é ler apenas a sombra e perder a Substância (Cl 2:17).

Que a meditação desta porção da Torah nos mova — como a nova geração de Israel no deserto — a caminhar com esperança em direção ao "quando": à terra que Deus prometeu, ao Reino que Cristo inaugurou e consumará. E que, em nossa jornada, as "franjas" da Palavra, do Espírito e da comunidade nos guardem do esquecimento que mata e nos mantenham no amor que vivifica.

Dr. Teologia Prof. Jônatas Silva da Cruz

Teólogo